

PATRIMÔNIO E MULHERES: O CASO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

HERITAGE AND WOMEN: THE NURSING SCHOOL AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF BAHIA

PATRIMONIO Y MUJERES: EL CASO DE LA ESCUELA DE ENFERMERÍA DE LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE LA BAHÍA

Sidélia Santos Teixeira¹

Este texto tem por objetivo demonstrar a importância da preservação, estudo e divulgação do acervo da Escola de Enfermagem da UFBA presente em seu Núcleo de Memória. A análise desse patrimônio permite explorar aspectos relacionados à história das mulheres e a sua participação na construção da área de Enfermagem na Universidade Federal da Bahia. Procura-se analisar suas coleções por meio de uma descrição contextualizada dos objetos, seus usos e sua história. Este trabalho evidencia que o acervo preservado é uma fonte de informação, devendo ser explorado pela produção de novos conhecimentos relativos à história da Enfermagem na Bahia, sugerindo também sua utilização nos processos de formação universitária.

PALAVRAS-CHAVE: História. Enfermagem. Pesquisa Museológica.

This article intends to show the importance of preserving, studying and divulging the patrimony of the Nursing School at the Federal University of Bahia (UFBA) through its Memory Nucleus. Taking this patrimony as a starting point one can explore various aspects of women's history and their participation in the building of the field of nursing at the Federal University of Bahia. This article tries to analyze its collections through a contextualized description of objects, their uses and history. This work shows that the preserved collection is a source of information which ought to be used in the production of new knowledge in relation to the history of nursing in Bahia, as well as being useful to university education in general.

KEY WORDS: History. Nursing. Collections. Museological Research.

Este texto tiene por objetivo demostrar la importancia de la preservación, estudio y divulgación del acervo de su núcleo de memoria de la Escuela de Enfermería de la UFBA. El análisis de ese patrimonio, permite explorar aspectos relacionados con la historia de las mujeres y su participación en la construcción del área de enfermería en la Universidad Federal de la Bahía. Se buscó analizar sus colecciones a través de una descripción contextualizada de los objetos, su uso y su historia. Este trabajo evidencia que el acervo preservado es una fuente de información, debiendo ser explorado a través de la producción de nuevos conocimientos relativos a la historia de la enfermería en la Bahía, proponiendo también su utilización en los procesos de formación universitaria.

PALABRAS-CLAVE: Historia. Enfermería. Investigación Museológica.

¹ Professora Assistente do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia. sideliat@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este texto tem por objetivo apresentar algumas potencialidades museológicas desenvolvidas por meio das práticas de preservação, investigação e comunicação do acervo do Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

A análise que se desenvolve a seguir baseia-se na prática da pesquisa museológica, compreendida como instrumento para produção de conhecimentos e fundamentação das ações de preservação e comunicação. Os objetos são considerados fontes históricas, como também as correspondências, as fotografias, os depoimentos, as entrevistas, os jornais e o próprio prédio da Escola de Enfermagem da UFBA. A diversificação desses referenciais históricos pode permitir uma leitura mais ampla e diversificada do acervo preservado, experiência esta demonstrada nas seções deste trabalho.

O Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia é um projeto de extensão interinstitucional, que está sendo desenvolvido, de forma ativa, desde 2007, com a participação do Departamento de Museologia e das Pró-Reitorias de Extensão e Assistência Estudantil/Programa Permanecer.

Trata-se de um laboratório de análise da produção cultural da comunidade da Escola de Enfermagem, tendo proporcionado, ao longo desse período, mediante a atuação de sua equipe, a realização de atividades de preservação, estudo e divulgação desse acervo. Neste sentido, encontram-se já elaborados e informatizados: a minuta de um livro de inventário; a organização dos objetos por coleções; a classificação do acervo fotográfico e parte de sua identificação; digitalização e restauração digital de fotografias; a realização de procedimentos de higienização e conservação dos bens culturais; e a montagem de uma exposição temporária sobre a temática – enfermagem, mulher e inclusão social, durante a Semana de Enfermagem no ano de 2009.

As ações têm sido realizadas por uma docente, estudantes da disciplina FCH 262 – Estágio Supervisionado do Curso de Museologia

e também por estagiários desse curso que atuam na condição de bolsistas do Programa Permanecer, desde 2007, conforme registrado anteriormente. Nesse período, foi realizado levantamento e diagnóstico dos museus e núcleos de memória da UFBA, coordenado por esta pesquisadora e patrocinado pela Pró-Reitoria de Extensão. Dentre os acervos da UFBA, o da Escola de Enfermagem encontrava-se em péssimas condições de conservação, necessitando de uma intervenção urgente, fato que motivou o reinício dos trabalhos do Núcleo de Enfermagem que se encontrava desativado, apesar de ter sido criado na década de 1997.

A equipe que atua no projeto conta com a colaboração de uma comissão formada por representantes dos três segmentos do pessoal da Escola, constituída desde 2001, com o objetivo de criar alternativas para a proteção e valorização de sua memória, tendo sido reativada também em 2007, para concretizar os objetivos preservacionistas da escola, conforme explicado anteriormente.

Com efeito, as ações da comunidade da Escola de Enfermagem para tentar preservar sua memória são antigas. Entretanto, essas iniciativas foram comprometidas, muitas vezes, por várias razões, entre as quais se mencionam: a ausência de uma política museológica no quadro da Universidade Federal da Bahia; a falta de prioridade de determinados diretores; a ausência de pessoal especializado para lidar com o acervo, entre outras.

O documento mais antigo que se encontrou faz referência ao Núcleo; trata-se de uma Ata de 1995, que confirma a sua criação como parte das comemorações do Cinquentenário da Escola (ATA, 1995). Contudo, depoimentos orais confirmam a criação do Núcleo em 1997.

Atualmente, o grupo constituído em 2001, juntamente com a equipe de museologia que atua desde 2007, está empenhado na criação do museu da Escola de Enfermagem, visando à proteção, estudo, dinamização e valorização de seu acervo. Pretende-se incluir o Núcleo de Memória

da Escola de Enfermagem (NUMEE) nas diretrizes da política museológica para os museus e núcleos de memória da UFBA por sua incorporação ao Sistema de Museus, conforme deliberação da Congregação da Escola em sessão plenária realizada em dezembro de 2010 (ATA, 2009)².

A metodologia do trabalho prioriza estudo do acervo, análise bibliográfica e arquivística, coleta de depoimentos orais, realização de entrevistas, bem como execução de atividades voltadas para o tratamento, sistematização e divulgação das coleções. Nesse sentido, apresentam-se a seguir algumas considerações relativas ao acervo dessa Escola e aos caminhos que estão sendo trilhados para análise e investigação dos objetos, bem como algumas possibilidades em relação a seu uso e apropriação por essa comunidade.

COLEÇÕES DO NUMEE: RELATO DESCRITIVO E UM POUCO DE HISTÓRIA

O acervo do NUMEE é constituído, até o presente momento, das seguintes coleções: mobiliário, utensílios domésticos, fotografias, objetos litúrgicos, documentos gráficos e instrumentos de laboratório.³

O mobiliário data da década de 1950 e suas peças permitem a reconstituição e caracterização do quarto da Escola-Residência, em sua estrutura básica composta por: armário conjugado com uma cômoda, escrivaninha, cama e cadeira. Esse ambiente foi planejado para proporcionar repouso, conforto e disciplina no que diz respeito ao desenvolvimento das atividades relacionadas à prática do estudo das professoras e das futuras enfermeiras. Com efeito, D. Haydée Guanais Dourado (1993), primeira Diretora da Escola de Enfermagem da UFBA, quando analisa o projeto arquitetônico da escola, menciona diálogo que teve com o magnífico Reitor Dr. Edgar Santos sobre a importância de as alunas terem um ambiente adequado e confortável para a prática

do estudo, tendo em vista que residiam nessa escola.



FOTOGRAFIA 1 – Escola de Enfermagem da UFBA: dormitório típico da década de 1950 até final da década de 1960

Esses móveis apresentam características estilísticas e estéticas desse período, obedecendo a influências de países estrangeiros, conforme analisado por Montenegro (1995), quando discute sobre as circunstâncias históricas que influenciaram sua produção no Brasil. Esse autor afirma que o *design* dos países escandinavos – Suécia, Noruega, Finlândia e Dinamarca – foi considerado marginal e subvalorizado até os anos de 1940, mas consolidou-se em todo o mundo graças a algumas características que fazem dele qualquer coisa de único quer do ponto de vista formal, quer do de fabricação.

Nesse sentido, Montenegro (1995) compara aquele período com as décadas anteriores e afirma que a cama apresenta desenho cada vez mais funcional, reduzindo a monumentalidade. As linhas simplificam-se, dando-se importância decrescente à armação lateral, que se torna menos evidente ou não existe. As peças do mobiliário da Escola de Enfermagem são planas e funcionais, evidenciando características típicas das décadas de 1940 e 1950, conforme afirmação anterior.

A coleção de utensílios domésticos é composta de pratos de *Porcellana Mauá* com monogramas na cor azul marinho que representam a Escola de Enfermagem; copos de cristal e de vidro; baixelas e bacias de alumínio, além de

² O Sistema de Museus da Universidade Federal da Bahia encontra-se em processo de implantação sob a coordenação da Pró-Reitoria de Extensão da UFBA, com a participação de representantes do Departamento de Museologia e dos museus e núcleos de memória da UFBA.

³ Trata-se de uma coleção aberta, ou seja, pretende-se, ao longo do projeto, adquirir outros objetos significativos para o histórico da Escola. Entretanto, isso deverá obedecer a determinados critérios, formalizados por uma política de aquisição previamente definida.

garfos, facas e colheres também marcados com os símbolos da unidade, conforme descrito.

A Porcellana Mauá foi uma empresa fundada por Hans Lorenz, A. F. Staudacher, Eugen Heim e Hedwig Lorenz, em 1937. Nas décadas de 1950 e 1960, a cidade de Mauá foi considerada a capital nacional da porcelana, devido à qualidade dos produtos das indústrias locais. Dentre todas as fábricas, a que ficou mais notória foi justamente a Porcellana Mauá, considerada a pioneira do ramo em porcelana fina no Brasil (CARVALHO, 2006).

Com efeito, esses objetos eram utilizados no refeitório da escola, frequentado por alunas e professoras, o pessoal administrativo, funcionários da Reitoria e o Magnífico Reitor Edgar Santos, definindo, portanto, um espaço de convivência universitária e acadêmica, conforme descreve Sena (2001), além de evidenciar o luxo e a sofisticação da escola.



FOTOGRAFIA 2 – Escola de Enfermagem da UFBA: refeitório, março de 1951⁴

As coleções do núcleo ilustram também valores associados à influência de uma moral católica cristã, base dessa formação educacional feminina, mediante a presença de objetos religiosos, como bíblia, crucifixo, castiçais, cálice, placa da Santa Ceia e peças de imaginária cristã que compõem um presépio.

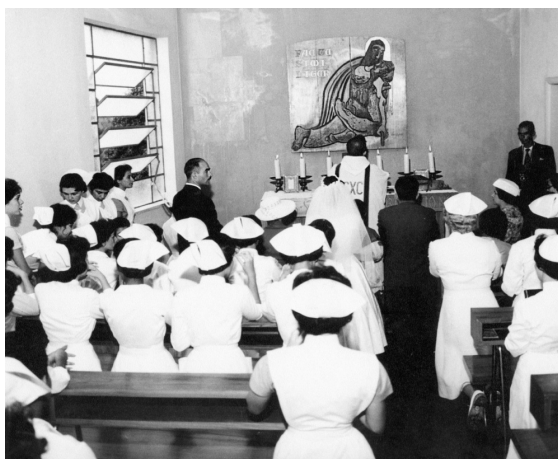
⁴ Esta foto retrata almoço de início de ano letivo, com a presença de: Diretora Jandira Coelho e Vice-diretora Anaide Carvalho. Professores presentes: Benenice Pereira, Leônia Freitas, Maria Cleyde Barroso, Maria Ivete Ribeiro de Oliveira, Maria José de Oliveira, Wanda Batista. Demais pessoas: estudantes e médicos convidados.

As obras do artista Hansen Bahia⁵ presentes na capela dessa Escola também evidenciam uma integração entre ciência e religião na universidade, expressa principalmente nessa área do conhecimento. Com efeito, o especialista em história social da literatura e da arte Hauser (1982, p. 188), ao analisar os primórdios da arte cristã e sua função como instrumento de formação religiosa, afirma:

A religião já não pode tolerar a arte existindo pelo próprio direito, sem consideração de credos, como também não pode tolerar uma ciência autônoma. Como instrumento de educação eclesiástica, a arte era a mais valiosa das duas, pelo menos quando o fim a alcançar era a máxima expressão.

Nesse sentido, nas obras de Hansen Bahia presentes na Escola de Enfermagem, destacam-se principalmente a teatralidade de seus personagens e a expressão suntuosa de suas emoções e sentimentos que não são produções culturais aleatórias, mas, como afirma o autor citado, seu caráter didático é a mais típica característica da arte cristã, se forem comparadas com as antigas. Os gregos e os romanos muitas vezes serviram-se dela como instrumento de propaganda, mas nunca a usaram como veículo de doutrina. Verifica-se, pela análise dessas obras, que existe um apelo para a sensibilidade e a emoção, ferramentas importantes para o reforço da fé cristã, a construção e o desenvolvimento da caridade e compaixão, virtudes nobres para o exercício da profissão de enfermeira à época.

⁵ O trabalho de Wanderley (2010) apresenta informações detalhadas sobre essas obras de Hansen Bahia.



FOTOGRAFIA 3 – Escola de Enfermagem da UFBA: capela, 1968

Com efeito, a documentação fotográfica também indica a presença desse espírito cristão, ilustrando rituais da igreja católica como missas e casamentos. É comum ainda a presença de fotos que retratam mulheres cuja expressão reflete sentimentos de acolhimento, compaixão, caridade e dedicação ao próximo, considerados também como virtudes para a formação do espírito da enfermeira dessa época.



FOTOGRAFIA 4 – Alunas da EEUFBA, 1965⁶

Dentre as coleções do NUMEE, destaca-se a de fotografias, constituída ao longo dos anos, por meio de doações realizadas por representantes dos três segmentos do pessoal da Escola. Atualmente, a coleção conta com 1.105 fotografias organizadas por temas e períodos que datam das décadas de 1940 até 2000. Esta coleção foi classificada em diferentes temáticas, que ilustram

⁶ Nesta foto foram identificadas (da esquerda para a direita): Elza Maria Barreto da Silva, Josicélia Dumet Fernandes, Edna Mascarenhas, Erandy Bandeira Albernaz, Iêda Pessoa de Alcântara e Stella Barros.

hábitos, costumes e práticas desenvolvidas na Escola desde sua criação. Temas como atividades de ensino, profissionais, religiosas e de lazer, além de viagens, comemorações, congressos, seminários, instalações físicas, estágios, ações de pesquisa, extensão, bem como solenidades de colação de grau são alguns dos assuntos retratados. O processo de identificação dessa documentação fotográfica tem sido feito de forma contínua e permanente, com a colaboração de professoras e funcionários ativos e aposentados.

O prédio da Escola de Enfermagem, inaugurado em dezembro de 1950, é também um referencial histórico importante para essa área do conhecimento na Bahia. Esse espaço foi concebido como unidade de ensino e residência, conforme mencionado anteriormente e, segundo depoimentos da comunidade da Escola, o edifício possui a forma de um “F”, fazendo alusão à letra inicial do nome da precursora da enfermagem – Florence Nightingale.



FOTOGRAFIA 5 – Escola de Enfermagem da UFBA: fachada lateral, 1951

Conversas informais com professoras aposentadas e docentes que ainda estão na ativa, sobre a história da Enfermagem na Bahia, revelam a presença de uma memória espacial cuja referência é o edifício da escola. Nesse sentido, são comuns, por exemplo, narrativas detalhadas daquelas que conviveram no período da residência, sobre os momentos de lazer e descanso na

área do jardim, sempre bem cuidado, destacando-se, entre as flores, as hortênsias. A cantina foi citada como ambiente de convívio social e importante mecanismo de obtenção de fundos para a participação de estudantes em eventos da área. Outros espaços são descritos, a exemplo das salas de costura e de passar, que, segundo relata Sena (2001), funcionavam também como locais de sociabilidade das alunas.



FOTOGRAFIA 6 – Escola de Enfermagem da UFBA: alunas na lanchonete, década de 1950

A memória das ex-alunas da escola valoriza também a descrição dos uniformes, sempre vistos como símbolos de distinção dessa categoria profissional. Nesse sentido, essas peças deveriam ser confeccionadas com primor, zelo e capricho. O acervo do NUMEE ainda não conta com uniformes típicos do período da residência, mas algumas ex-alunas manifestaram interesse em fazer doações desse material.



FOTOGRAFIA 7 – Escola de Enfermagem da UFBA: alunas no jardim, 1953

PARA UMA HISTÓRIA CULTURAL DA ENFERMAGEM: BREVES LEITURAS E INTERPRETAÇÕES SOBRE AS COLEÇÕES DO NUMEE

No decorrer dos anos que se seguiram à criação da Escola, esses objetos apresentados anteriormente sobreviveram a vários fatores que colocaram em risco sua preservação. Dentre esses, destacam-se principalmente os processos de depredação e descarte, provocados, sobretudo, pela falta de consciência preservacionista de membros da própria comunidade.⁷ Mesmo assim, muito desse patrimônio conseguiu “permanecer” graças também aos esforços e à sensibilidade de membros mais antigos da Escola, que reconheciam sua importância para o registro e a representação de sua história.

Pode-se considerá-los como bens “preservados” que testemunham e representam o passado, mas fazem parte do momento presente, assumindo valores e significados “especiais”. Sobre essa questão e a necessidade de refletir-se sobre a preservação do patrimônio como processo cultural, recorre-se a Arantes (1987, p. 52) que afirma:

[...] há que se aprofundar o conhecimento do processo de reelaboração (ou apropriação simbólica) que se dá no plano sociológico. Através de acréscimos de significado e transformações simbólicas, esses bens são como que recriados culturalmente pela “preservação”, passando a carregar consigo inclusive as marcas do processo que os transformou em “bens do patrimônio” (separação do cotidiano, maior visibilidade, uma certa aura de importância e sacralidade etc.).

De fato, em sua origem, a Escola de Enfermagem funcionava como residência para professoras e alunas (SENA, 2001). Primeiramente, é interessante observar a numerosa presença de objetos preservados que ilustram justamente esse período, ou seja, final da década de 1940 até o início da década de 1970 – todas as coleções datam desse período, com exceção da coleção de fotografias –, sugerindo a valorização dessa etapa da história no imaginário dessa comunidade.

⁷ A lógica da substituição de bens antigos por novos, infelizmente, ainda é frequente em instituições como a UFBA, provocando, muitas vezes, a perda de objetos significativos para a História dessa Universidade.

Sobre a memória feminina, encontra-se em Piscitelli (1993, p. 160) uma análise que trata das relações entre tradição oral, memória e gênero:

As linhas de investigação que se preocupam com particularidades do trabalho sexuado da memória sustentam, a partir de pesquisas específicas, que existe uma associação entre memória feminina e tradição genealógica. São as lembranças das mulheres as que se relacionam com o domínio da família, da vida privada e doméstica. Estas perspectivas afirmam que a memória feminina estabelece referências temporais associadas ao ciclo familiar, diferenciando-se da masculina, que é datada com precisão. Afirmam também que as lembranças das mulheres preservam temas integrados num domínio no qual o afetivo e o individual são fundamentais, em tanto [sic] as dos homens guardam relatos de uma história não necessariamente oficial, mas sim de uma história coletiva, de uma história espetáculo.

Adotando a mesma linha de raciocínio da autora citada, pode-se pensar numa possível explicação para a preservação desse acervo que contempla um fazer predominantemente cotidiano e doméstico. Além disso, essa iniciativa preservacionista indica também a necessidade de rememoração de um “espírito comunitário”, presente no período da residência, como demonstra também a iniciativa de realização de uma “Árvore Histórica” que apresenta a escola como uma grande família.⁸

Sobre essa questão é interessante verificar alguns depoimentos de ex-alunas, coletados durante a exposição temporária “Escola de Enfermagem da UFBA: Mulher e Inclusão Social”, montada pela equipe do NUMEE em maio de 2009, que reforçam e revelam a natureza desse sentimento:

“O museu da E.E. está muito lindo e nos leva ao passado de marca indelével e saudades infinitas dos valores humanísticos vividos em nossa querida Escola, habitando o mesmo teto, aprendendo os valores da convivência em grupo, do respeito e da solidariedade humana e de afeto compartilhado, do calor humano. Sou eternamente grata aos professores e fundadora E.E. Haydee G. Dourado. Devo o que sou profissionalmente a esta uni-

dade. Obrigada.” (D. Iracy Silva Costa. Turma 1951).

“A Árvore da E.E.⁹ Ideia original, bonita e útil. Os frutos desta árvore retratam a nossa E.E. Nela, nesta EE-UFBA, aprendi não apenas a profissão, mas também a vida. Quantas lições de vida [...]” (Stella Sena. Turma de 1956).

Assim, de maneira geral, com exceção da documentação fotográfica que, além de ilustrar aspectos ligados ao cotidiano da EEUFBA, registra a participação das alunas e professoras em congressos, viagens, assinaturas de convênios, política estudantil, as coleções do NUMEE ilustram o fazer cotidiano da Escola de Enfermagem, enquanto instituição educacional que privilegiou, durante vinte e três anos, um processo de formação amplo de estudantes do sexo feminino. Com efeito, a EEUFBA era escola destinada a pessoas do sexo feminino até o final da década de 1960.

A análise do espaço da escola e do acervo preservado indica uma relação entre o público e o privado, fruto, óbvio, da dupla função de escola e moradia. De fato, é interessante observar os depoimentos transcritos por Lima (2002). Em seu trabalho, a autora discute sobre o desafio da passagem do privado para o público para as mulheres no mundo acadêmico contemporâneo:

[...] quando questionadas sobre a representação que tinham enquanto profissionais inseridas no campo da produção científica, sempre se percebiam aquém dos parâmetros do que seja cientista, de acordo com os critérios estabelecidos pela comunidade científica, afirmando: “[...] eu sou uma simples pesquisadora, cientista é algo que está lá em cima [...]” (LIMA, 2002, p. 52).

Nesse sentido, podem-se observar aspectos referentes à presença e à ausência de determinados bens nesse acervo. Na verdade, os objetos preservados refletem uma memória afetiva, comunitária, doméstica, típica das mulheres, conforme analisado anteriormente, não evidenciando a ocupação desse novo universo profissional. Seria interessante ampliar essa análise,

⁸ Esse documento, elaborado sob a forma de árvore genealógica com o nome e a turma de todas as alunas da escola desde 1950 até 1996, foi construído por Maria José de Oliveira, graduada em enfermagem no ano de 1950, na 1ª turma da Escola de Enfermagem da UFBA, por ocasião das comemorações do cinquentenário da EEUFBA.

⁹ Dona Stella refere-se a um recurso expográfico utilizado na exposição “Escola de Enfermagem da UFBA: Mulher e Inclusão Social” na Escola de Enfermagem da UFBA em maio de 2009, sob a forma de árvore para coletar depoimentos dos visitantes. Estes deveriam registrar suas opiniões sobre a exposição em papéis recortados em forma de frutas e pendurá-los nessa árvore.

para explorar, por exemplo, como funcionou a inserção dessas mulheres nesse mundo acadêmico-científico. Um exemplo muito pertinente é apresentado em carta de D. Haydée, primeira diretora da EEUFBA, para a Sra. Neusa Azevedo, diretora da Escola em 1993, na qual faz uma narrativa sobre sua visita a uma livraria para comprar o primeiro livro da EEUFBA, juntamente com o Magnífico Reitor Edgar Santos. Ela seleciona uma obra sobre estatística e o Magnífico Reitor pede para ver o livro e faz o seguinte comentário: “coitadinhas...” Continua D. Haydée narrando que afirmou com toda segurança: “Sr. Reitor, essa escola não vai demorar para ter cursos de especialização e mestrado.”

Dessa forma, seria oportuno explorar outras fontes documentais, a exemplo dos relatórios de estágio, ou seja, documentos que podem evidenciar a prática da enfermagem em locais onde essa relação de gênero é mais evidenciada. Apenas a título de especulação, pode-se pensar que, para algumas dessas mulheres, essa posição de superioridade no mundo acadêmico dos homens poderia atingir sua autoestima, enquanto, para outras, como descrito por D. Haydée acima, talvez contribuisse para estimulá-las ou desafiá-las em relação à atividade acadêmica e profissional.



FOTOGRAFIA 8 – I Congresso de clínica ginecológica, 1952¹⁰

¹⁰ Nesta foto, identificam-se: chefe da clínica, Professor Alicio P. de Queiroz; chefe de Enfermagem, Professora Maria José de Oliveira. Assistentes: Hugo Maia, Geilza Batinga, Maria de Lourdes Rocha, João Costa, Adeldo Boto. Demais pessoas: médicos e estudantes de outras especialidades.

Também se pode refletir no sentido de que havia certa “tolerância” e aceitação social dessa atividade, ou seja, o cuidar, como prática comum apropriada para as mulheres. Nesse sentido, a enfermagem era vista como uma opção à atividade profissional tradicional das mulheres, ou seja, o magistério (OLIVEIRA, 2001). Em 1959, matéria veiculada no jornal *A Tarde* (TRABALHO..., 1959) estimula o trabalho feminino na área de Enfermagem.¹¹

Dessa forma, observa-se que o acervo da EEUFBA, ainda incipientemente estudado e analisado, indica também, principalmente pela coleção de fotografias já citada, a construção de uma história permeada de lutas, dificuldades e conquistas de uma categoria profissional que precisava afirmar-se no campo da biomedicina, no quadro da Universidade e das sociedades baiana e brasileira.

Como afirma Sardenberg (1998), a história tradicional, ao privilegiar a “cena pública” e, assim, a “cena” na qual a presença feminina foi historicamente marginalizada por força das ideologias de gênero, pouco revelou sobre as mulheres e suas memórias. Nesse sentido, o processo de investigação desse acervo, incluindo principalmente a análise da documentação fotográfica, pode contribuir para revelar aspectos da história do papel das mulheres na área de Enfermagem, é claro, mas também no campo acadêmico de maneira geral.



FOTOGRAFIA 9 – Apresentação de estudo de caso na primeira clínica cirúrgica do Hospital das Clínicas, 1952-1953¹²

¹¹ Não é possível analisar o artigo neste momento. Isso está sendo feito ao longo da pesquisa. Entretanto, reconhecemos a sua importância para os objetivos do presente trabalho.

¹² Nesta foto, identificam-se: Enfermeira Chefe Professora Maria José de Oliveira, Professor Catedrático Dr. Sá Menezes; Professores Assistentes: Zacarias Piton, Menezes. Estudantes: Dina Santos, Ailda Silveira, Maria de Lourdes Almeida, Elza Marques, Helena Giron, Sara Derbotindiner.

Nesse sentido, uma análise ainda preliminar da documentação fotográfica permite-nos admitir, por exemplo, que a formação nessa área contribuiu também para a inserção da mulher no espaço acadêmico, profissional e político, proporcionando alternativas e possibilidades para sua autonomia e independência em diferentes graus, de acordo com os diversos períodos históricos.

Portanto, longe de um referencial histórico consolidado que, muitas vezes, insiste em corroborar uma visão passiva e submissa das mulheres, a documentação fotográfica sugere que essas procuravam também se inserir, abrir e construir espaços de profissionalização, afirmando-se, inclusive, pela participação em congressos, em atividades políticas, em viagens de lazer, estudo etc.



FOTOGRAFIA 10 – Petrópolis. Museu D. Pedro II¹³

As fotos registram, em diversas situações, a inserção ativa, a ousadia, a determinação, um grande potencial nas áreas de gestão, administração e política das jovens estudantes e das professoras do período. Para exemplificar, cita-se matéria veiculada no jornal *A Tarde*, que noticia a posse da nova diretoria do Diretório Acadêmico de Enfermagem e traz a fala da acadêmica Creuza Silva (EMPOSSADA..., 1960, p. 5): “[...] temos que nos preocupar com problemas relacionados com a classe estudantil, particularmente com aqueles ligados com a nossa profissão, procurando difundir na comunidade nossos objetivos a fim de torná-la melhor aceita na sociedade.” Registra-se,

¹³Foto reproduz momento no 10º Congresso Internacional de Enfermagem, em 14.7.1953. Nesta foto, identificam-se: Nildes Corbiniana dos Anjos, Alba Guedeville, Nilza Garcia, Aline Galvão e Marline Galvão.

assim, a importância de explorar os jornais como fonte de documentação para o processo de investigação desse acervo.



FOTOGRAFIA 11 – Congresso União Nacional dos Estudantes, Rio de Janeiro, 1951¹⁴



FOTOGRAFIA 12 – Alunas e professoras num passeio a Paulo Afonso, turma 1954¹⁵

Observa-se, nesse material, a presença de mulheres negras nas primeiras turmas de graduação. Com efeito, são ilustrativas as considerações da Professora Haydée Guanaes Dourado (1993, p. 9), sobre o processo de seleção das alunas, quando afirma: “[...] queríamos, também, justamente em Salvador, uma secção transversal da sociedade, que não podia deixar de ser afro-brasileira.” Além disso, a mesma entrevistada também afirma que essa jovem negra da primeira turma do curso de enfermagem tinha um parentesco com um funcionário da Escola de Medicina da Bahia, indicando, portanto, que

¹⁴Nesta foto identificam-se, da esquerda para a direita: Carlos Alberto Kruchevsky, Antônio Carlos Magalhães, Enio Mendes de Carvalho, Maria Eunice D. de Assis, José Carlos Lessa Santos, Maria Duarte, Armando Rocha, Ramiro Stelmack, Adalmir Cunha Miranda.

¹⁵Nesta foto identificam-se: Alyde Vieira de Roman, Nilza Godinho de Carvalho, T. Rebouças, T. Libório, Eunice Marinho, Aliete Alves Cardoso, Lúcia Dias Dultra, Clara Wolfovitch, Magnólia Cabral Dórea, Vera Lúcia Brito. Professoras Eurides Rocha e Maria José de Oliveira.

o processo de inserção de mulheres negras poderia ocorrer ou ser ratificado por mecanismos informais diversos. De qualquer maneira, isso também sugere a necessidade de novas investigações sobre os mecanismos de inserção dessas mulheres nessa área, ao longo da história dessa instituição.



FOTOGRAFIA 13 – Faculdade de Medicina, 1ª turma da Escola de Enfermagem da UFBA, 1948

CONSIDERAÇÕES

Neste artigo, procurou-se demonstrar a importância da preservação, do estudo e da divulgação do acervo da Escola de Enfermagem da UFBA existente em seu Núcleo de Memória.

Até o presente momento, as questões apresentadas indicam uma linha de estudo baseada na relação entre patrimônio, preservação e gênero, necessitando ainda de maiores esclarecimentos e aprofundamentos. Ficaram evidentes algumas potencialidades em relação à produção do conhecimento e à relevância da preservação do acervo da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

A importância da existência do NUMEE e também do processo de preservação de seus bens culturais destacaram-se como formas de aportar conhecimentos relativos a essa área do conhecimento, principalmente no que diz respeito ao papel das mulheres na história desse campo e da Universidade Federal da Bahia de maneira geral.

Recomenda-se que as ações preservacionistas do NUMEE sejam articuladas ao processo de formação universitária, para que seja vivenciada, ou seja, associada ao ensino dessa unidade

universitária. No quadro da proposta de um Núcleo de Memória inserido no contexto de uma escola de formação universitária, seria importante incorporar, mediante o uso do acervo preservado, os conteúdos relativos ao histórico dessa área do conhecimento ao processo de formação básica da graduação, por exemplo. Além disso, essa prática pode estimular os alunos em relação a novos temas a serem investigados não só pela graduação como também pela pós-graduação. Com isto, a EEUFBA estaria contribuindo para a qualidade do ensino da história da Enfermagem e, em última instância, para a ampliação dos processos de inserção acadêmica e identificação profissional.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Antônio Augusto. Documentos históricos, documentos de cultura. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n 22, p. 48-55, 1987.
- ATA da reunião ordinária do Conselho Departamental da Escola de Enfermagem UFBA, realizada no dia 8 de maio de 1995.
- ATA da reunião da Congregação da Escola de Enfermagem da UFBA, realizada no dia 14 de novembro de 2009.
- CARVALHO, Fábio. *Porcellana Mauá*. Maio 2006. Disponível em: [http://www.revistaretro.com.br]. Acesso em: 9 set. 2010.
- DOURADO, Haydée Guanais. *Depoimento 8.9.1993*. Entrevistador: Therezinha Vieira. Salvador: NUMEE, 1993.
- EMPOSSADA nova diretoria do Diretório Acadêmico de Enfermagem. *A Tarde*, Salvador, p.5, 2 maio 1960.
- HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. 4. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982. v. 1.
- LIMA, Nadia Regina Loureiro de Barros. As mulheres nas ciências: o desafio de uma passagem... A passagem do privado para o público. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacelar (Org.). *Feminismo, ciência e tecnologia*. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. p. 51-64. (Coleção Bahianas, 8).
- MONTENEGRO, Riccardo. *Guia de história do mobiliário – os estilos de mobiliário do renascimento aos anos cinquenta*. Lisboa: Presença, 1995.

- OLIVEIRA, Maria Ivete Ribeiro de. Emergência e inserção da Escola de Enfermagem na comunidade acadêmica da Universidade da Bahia. In: FERNANDES, Josicelia Dumet (Org.). *Memorial Escola de Enfermagem 1946-1996*. Salvador: UFBA, 2001. p. 19-49.
- PISCITELLI, Adriana G. Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 1, p. 149-172, 1993.
- SARDENBERG, Cecília M. B. O gênero da memória: lembranças de operários e lembranças de operárias. In: PASSOS, Elizete; ALVES, Ívia; MACÊDO, Márcia (Org.). *Metamorfoses: gênero nas perspectivas interdisciplinares*. Salvador: UFBA; Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998. p. 147-164. (Coleção Bahianas, 3).
- SENA, Stella Maria Santos. A residência na Escola de Enfermagem (décadas de 50 a 70). In: FERNANDES, Josicelia Dumet (Org.). *Memorial Escola de Enfermagem 1946-1996*. Salvador: UFBA, 2001. p. 99-123.
- TRABALHO feminino: Enfermagem é sacerdócio. *A Tarde*, Salvador, Caderno para domingo, p. 9, 10 de maio de 1959.
- WANDERLEY, Fernanda Silva. *As obras de Hansen Bahia da Escola de Enfermagem da UFBA*. Trabalho produzido na disciplina EBA 131, Curso Normativo sobre a Formação Étnica da Arte Baiana do Curso de Museologia. Orientação: Profa. Joseania Freitas. Salvador, 2010.
- Submissão: 23/11/2010
Aceito: 16/8/2011